

MINHA CANDEIA

Antônio Álvares da Silva
Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

O desembargador e professor José Fernandes Filho publicou recentemente um precioso livro com sugestivo título: Minha Candeia. Quem o conhece há vários anos, como eu, inclusive como seu aluno na Faculdade de Direito, sabe muito bem avaliar o autor e a obra.

A divisão dos assuntos é a primeira surpresa. Em "Togas e Becas", aprende-se muito sobre o Judiciário sem as canseiras que a aridez do tema muitas vezes desperta. Depois, vem o tempero da "Saudade", trazendo de volta homens ilustres que deixaram marcas entre nós. O estilo do autor os ressuscitou em nossa lembrança. Em "Os homens ante do tempo" traçou o perfil exato de três grandes nomes: Sepúlveda Pertence, Néri da Silveira e Maurício Corrêa, três magistrados que o autor soube muito bem retratar pelos serviços que prestaram. Na "audaciosa iniciação", os temas voltam com grandeza e oportunidade. No artigo, "Judiciário que Desejamos", o desembargador criou uma frase muito conhecida e plena de verdade: "Todo mundo sabe que a segurança da sociedade repousa na independência do juiz."

Esta frase é uma verdade incontestável. Se o Direito existe para a convivência humana, esta tem que ser fraterna, justa e segura. A lei é antes de tudo um comprometimento, como disse Chaim Perelman. Se ela determina uma conduta, todos esperam de cada um o que nela foi determinado. Se não for assim, não se pode falar em vida social. E aqui é que entra a presença do juiz para obrigar aos desobedientes a seguir a ordem que a lei democraticamente estabelece. Só o juiz independente pode ser o agente desta ação. Não se pode falar em sociedade humana, muito menos em sociedade justa, se a conduta do juiz, inspirada na lei, não for ditada exclusivamente por sua consciência.

José Fernandes, é preciso lembrar, foi um dos responsáveis pela melhor lei que o Brasil tem, juntamente com a CLT – a lei dos juizados cíveis e criminais. Na época de sua votação, em 1995, foi a Brasília e, como gosta de dizer, arrancou-a a fórceps do Congresso Nacional. Hoje temos nela a esperança de um Judiciário melhor, rápido e informal.

Mas a parte mais bonita do livro são suas reflexões no Título VI: Depois dos Oitenta. Na mesa branca que o acompanha pela vida afora, há livros. Personalidades múltiplas e diferentes – Frei Cláudio, Padre Airton, Padre Pio, Guimarães Rosa, Santo Agostinho e muita gente mais, na mesa e na estante, constituindo aquela orquestra maravilhosa, que no silêncio da noite toca um concerto misterioso, que só os homens estudiosos e sábios são capazes de ouvir.

No livro, entretanto, como tudo na vida, há um erro. Na página inicial, José Fernandes diz: "Minha Candeia talvez não aqueça nem ilumine. Pretende ser apenas candeia do possível, faça chuva ou sobre vento". Está errado o mestre. Sua candeia é plena de luz e vida. Já iluminou muitas gerações. Marcou caminhos do justo enquanto foi juiz. Serviu ao povo, quando ocupou cargos políticos. É de candeia como esta que o Brasil precisa. Oxalá não se apague nunca.

(Publicado no Jornal Hoje em Dia em 14/04/2011)